

Cultura indígena entra em discussão

Têm início hoje, a partir de 9h, com a discussão do tema "A Situação Indígena na Amazônia no Tempo de Alexandre Rodrigues Ferreira", os debates previstos no seminário "Amazônia, Tempo e Realidade". A discussão será apresentada por membros do Programa Waimiri-Atroari (PWA) e representantes da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab).

As 15h, acontece a abertura de outro seminário, intitulado "Cultura, Imagens e Representações" com o tema "A Arte e Seus Múltiplos Mundos", com a conferencista Lux Vidal, do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, como moderador; Manuel Laranjeira Areia, e relator, José Antônio Dias.

O tema do seminário de amanhã, também às 9h, será "Amazônia, Tempo e Realidade", com o sub-tema "Xamanismo e Medicina Popular na Amazônia". O conferencista será o professor Frederico Arruda, do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade do Amazonas.

À tarde, a partir de 15h, participa como conferencista o professor Luís

Donizete Grupioni, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Como moderadora estará a professora Eglantina Monteiro, e como relator, o professor Manuel Laranjeira Areia.

Todos os debates vão acontecer no auditório Kilde Veras, na Vila Ninita, anexa ao Centro Cultural Palácio Rio Negro.

Programa

Hoje

9h: Seminário "Amazônia, Tempo e realidade", com o tema "Situação Indígena na Amazônia no tempo de Alexandre Rodrigues Ferreira". Apresentação de representantes do Programa Waimiri-Atroari e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

15h: Seminário "Cultura, Imagens e Representações", com o tema "A Arte e Seus Múltiplos Mundos". Conferencista: Lux Vidal, da Universidade de São Paulo.

Reivindicação dos índios ganha simpatia

Leyla Leong

Apresentada como homenagem aos homens e mulheres que produziram os objetos, a exposição "Memórias da Amazônia - Expressões de Identidade e Afirmação Étnica", em cartaz até o dia 3 de junho, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, vem deixando impressões profundas em índios e não índios, que deixam os salões da exposição pensando de forma diferente daquela com que entraram. Certamente para os índios, sujeitos principais da exposição, ela tem funcionado como afirmação cultural, levantando a auto-estima e quebrando tabus e preconceitos centenários.

Com a realização, hoje, do seminário "Cultura Material, Imagens e Representações", serão discutidos por estudiosos da cultura material indígena temas vinculados às coleções etnográficas reunidas há 210 anos por Alexandre Rodrigues Ferreira e que formam o corpo da exposição "Memórias da Amazônia".

Espera-se para a ocasião que seja incluída na pauta de discussões a reivindicação dos índios da Amazônia para que as relíquias produzidas por seus antepassados, que documentam a sua história, sejam devolvidas aos seus herdeiros e permaneçam no seu lugar de origem, como uma poderosa interpretação da resistência dos povos em extinção. A cada dia aumenta a simpatia de pessoas envolvidas na exposição por essa reivindicação dos índios.

Talvez esse tenha sido o ponto essencial da

exposição por ter trazido à tona a importância da cultura indígena e por ter demonstrado o estágio de politização dos índios.

Entre os que defendem a idéia de que a coleção recolhida e organizada por Alexandre Rodrigues Ferreira deve ficar, e os que duvidam da capacidade dos amazonenses para preservar a coleção, duas opiniões diametralmente opostas parecem resumir os dois principais pontos de vista a respeito do assunto.

Enquanto o reitor da Universidade do Amazonas, Nelson Fraiji, não acredita na capacidade dos amazonenses para manter as peças em segurança e perfeito estado de conservação, o professor Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, do Departamento de História da UA, aposta no que ele chama de utopia.

Segundo Pinheiro, um dos mentores da exposição, o contato e a visualização aproximada das peças fez com que a sociedade passasse a avaliar a sua importância e a se perguntar por que a coleção em vez de estar aqui, fica guardada em Portugal. "Esses questionamentos dão origem a uma consciência de preservação", analisa.

Ressaltando a importância da discussão sobre a devolução dos objetos aos seus legítimos donos, Pinheiro diz que antes disso é preciso criar as condições técnicas para receber a coleção da "Viagem Filosófica".

"No momento não temos condições de ficar com ela. Mas, pelo que se observa, há possibilidade de se conseguir recursos e implementar

essas ações", diz Pinheiro. A falta de espaço físico para acolher a coleção é descartada por ele. "Temos vários lugares, entre os quais um excelente, na Ilha de São Vicente, onde funcionou a antiga Enfermaria Militar, que faz parte do centro histórico da cidade".

Na sua opinião, ali poderiam concentrar-se tanto as peças que atualmente estão em poder dos portugueses, como as que se encontram em outros museus do mundo, como na Alemanha e na Áustria.

"Acho que, com uma mobilização ampla da sociedade a reivindicar do Governo ações diplomáticas junto a esses países, há possibilidade de reavermos esses tesouros. Lógico que, com o compromisso do Governo de receber esse material em condições dignas".

Ele aponta as linhas de financiamento da Agenda 21, formadas por recursos de países do Grupo dos Sete que repassam recursos para projetos na Amazônia como uma forma de viabilizar a idéia.

Pinheiro se declara disponível para discutir, com as pessoas interessadas, sobre a importância de que sejam criadas as condições necessárias para que essas peças retornem para o Amazonas.

Como exemplo da possibilidade de que isso aconteça ele cita o investimento que o Brasil fez durante o período da ditadura militar para que os restos mortais de Dom Pedro ficassem no Brasil. "Quem sabe possamos inaugurar um Memorial Indígena no ano 2000", questiona.

28/5/97
p. 1
1